



Caro leitor

Norte e Sul do país se aproximam no 5º Boletim RELAET-Brasil.

Da região Norte, Gamalonô Surui, professor de Cultura, traz um pouco das Etnomatemáticas do Povo Paiteer Surui, fazendo belas analogias com exemplos de artes e técnicas (*ticas*) de *matemas* de seu *etno*. Da região Sul, a Professora Jeanice Back Andrade relata o projeto *Trilhando na Ilha da Magia: do Homem do Sambaqui à Etnomatemática*, com crianças do 1º ano do ensino fundamental, de (re)conhecimento do Patrimônio Histórico de Florianópolis.

Além disso, duas edições especiais de Etnomatemática são destacadas: mais um número do *Journal of Mathematics and Culture* com EtnoMatemaTicas Brasis, publicado em outubro; chamada para *Múltiplas Vozes em Etnomatemática*, a ser publicado em 2018, pela SBEM, na Educação Matemática em Revista.

Continuamos sem comunicação oficial das notícias do site RELAET e, enquanto o problema perdura, sugerimos o acesso às redes sociais, EtnoMatemaTicas Brasis e RELAET.

Olenêva

Coordenadora RELAET-Brasil

ICEm-6

ISGEM, RELAET e UdeA convidam para a **6ª Conferência Internacional de Etnomatemática (ICEm-6)**, 8 a 13/7/2018, em Medellín (Colômbia). Saiba mais: <https://goo.gl/pbxUuT>



Confira o novo número da Edição Especial *EtnoMatemaTicas: pluralidade cultural em diversos Brasis*, do *Journal of Mathematics and Culture* (JMC), v.11, n.2, em conjunto com a comunidade EtnoMatemaTicas Brasis, sobre pluralidade de perspectivas da Etnomatemática nos contextos brasileiros: <https://goo.gl/W2i9FW>.

Ainda não faz parte da RELAET? Venha para a maior rede de pesquisadores em Etnomatemática. **RELAET-se!** Cadastre-se, gratuitamente, já!



Etnomatemática do Povo Paiteer Surui Gamalonô Suri - Comunidade Paiteer Surui

O Povo Paiteer Surui teve contato oficial com a sociedade envolvente no dia sete de setembro de 1969, através da FUNAI, sertanista Francisco Meirelles e seu filho, Apoena Meirelles, mas este povo ainda mantém a sua cultura tradicional forte.

Em relação a sua educação tradicional perante a educação escolar indígena, a escola indígena é um instrumento de fortalecimento cultural para divulgar e registrar o conhecimento do povo e que pode levar os alunos para valorizarem a sua cultura tradicional. Todos grupos étnicos possuem os conhecimentos matemáticos em seus diferentes contextos culturais, assim nas diferentes formas de conhecimentos.

O povo Paiteer Surui possui seu próprio conhecimento de matemática nas suas práticas formas de conhecimentos diferentes, como nas pinturas corporais (nela encontramos algumas figuras geométricas e linha reta); construção de maloca tradicional, encontramos triângulos isósceles e medidas de sua própria forma tradicional; medida de tempo, processo de bater timbó também usamos nossas várias etnomatemáticas, como na divisão de grupos de trabalho e a distribuição de resultados; no consumo de caça coletiva nos Paiteer, usamos o processo de quatro operações e a nomenclatura de números como na contagem.

Exemplos: um – mûy (significa único), dois – xakalar (significa um par), três – xakalar amakap om (significa um par e meio); quatro – xakalar itxer (significa dois pares iguais); mûy pabe (uma mão inteira); etc... assim sucessivamente. A educação indígena Paiteer Surui é hereditária.



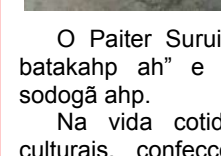
Confecção de rede tradicional: técnica relacionada à matemática no conhecimento Paiteer Surui nas tranças realizadas em dois lados da rede, contando os fios de cordão ao trançar.

Imagem: Inceri Surui

Balaio com forma de losango ao lado. Balaio, em língua Paiteer Surui é "AHDO" e seu centro do fundo é "ahdo iyã kap ah", que significa raio. Este nome varia conforme o objeto, fundo geral chamamos de "Ahdoyãpeahp", que é circunferência ou diâmetro. Todos estes nomes são relativos, por exemplo: Ahdoyã kap ah significa raio do balaio, Ahdoyã peahp significa circunferência ou diâmetro do balaio.



Panela de barro "cerâmica": neste caso, mudamos o nome do fundo, nós Paiteer chamamos de "lobeah weh". Nota-se que o fundo do balaio é plano, mas da panela não, tem a forma quase redonda.



O Paiteer Surui chama-se algo redonda de "so batakahp ah" e a circunferência chamamos de sodogã ahp.

Na vida cotidiana Paiteer Surui, as práticas culturais, confecções de artesanatos, atividades tradicionais e festas culturais envolvem muito matemática, mas antes nunca percebemos. Hoje, como professor da cultura, compreendo através da pesquisa que o Paiteer, em todos momentos, utiliza matemáticas, assim também na contagem, são usos frequentes diários.

Fotos: Gamalonô Surui

Trilhando na Ilha da Magia: do Homem do Sambaqui à Etnomatemática Jeanice Back Andrade

Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

Esse trabalho foi desenvolvido em 2017, com crianças do primeiro ano do ensino fundamental da Escola Básica Municipal Profa. Herondina Medeiros Zeferino. A proposta de uma trilha na Ilha da Magia articulando o Homem do Sambaqui e a busca por sua Etnomatemática surgiu no diálogo com os estudantes quando trabalhamos os elementos da identidade de cada criança e do local de onde vivem.

O Projeto *Trilhando na Ilha da Magia: do Homem do Sambaqui à Etnomatemática* teve como relevância estudar a realidade local, fazendo com que as crianças acessassem aspectos do passado, por meio do estudo da História, atrelado à abordagem da Etnomatemática, que reconhece a disciplina como uma construção histórica, social e política.

O objetivo deste trabalho, foi fazer com que as crianças, reconhecessem que no Patrimônio Histórico da cidade de Florianópolis, há diversas formas e fontes de ler a história. Das Inscrições Rupestres à Arquitetura Açoriana, procurou-se contextualizar o olhar das crianças para que vissem e compreendessem as diferenças culturais e materiais entre esses povos que ocuparam a cidade de Florianópolis, do período pré-histórico ao período colonial. Trabalhar a geometria e a simetria na arquitetura das janelas, trazida pelos portugueses, é levar a imagem que a cidade guarda nas suas paisagens que revelam o passado e a permanência, desenvolvendo nas crianças um sentimento de pertencimento, de existência e afeto. Este trabalho permitiu as nossas crianças ver quem somos, de onde viemos, dando-lhes a oportunidade de trilharemos por um ensino humanizado e significativo para suas vidas.



PROPOSTA PARA A PUBLICAÇÃO DE VOLUME ESPECIAL SOBRE ETNOMATEMÁTICA DA EMR

Múltiplas vozes em Etnomatemática



Organização Colaborativa:

Armando Arouca Araujo, Andreia Lunkes Conrado, Adriano Fonseca, Carolina Tamayo, Cristiane Coppe de Oliveira, Hilbert Blanco, Lenira Pereira da Silva, Milton Rosa, Olenêva Sanches, Reginaldo Carneiro, José Linhares Mattos, e Valdirene Rosad.

Consultor convidado: Ubiratan D'Ambrosio

Proposta de cronograma:
Divulgação e submissão: novembro/17 a abril/18
Avaliação dos artigos: maio a junho/18
Revisão dos artigos: julho a agosto/18
Publicação: setembro/18

Maiores informações:

<http://www.sbembrasil.org.br/revista/index.php/emr>